

Bolsonaro evita se comprometer com urnas no JN

# Bolsonaro coloca condição para aceitar resultado das eleições e mente no JN

Presidente disse que nunca xingou ministro, mas já chamou Alexandre de Moraes de 'canalha'

Matheus Teixeira, Renato Machado e Ricardo Della Coletta

**BRASÍLIA** O presidente Jair Bolsonaro (PL) colocou condições para aceitar os resultados das eleições e mentiu, em sabatina no jornal Nacional, ao tratar de ações na pandemia da Covid-19 e ao negar que tenha xingado ministros do STF (Supremo Tribunal Federal). Ele foi o primeiro candidato ao Palácio do Planalto a participar da série de entrevistas com presidentes de televisão no programa da TV Globo. Durante a sabatina, houve painéis em diversas capitais do país. Em 2021, Bolsonaro chamou o ministro Alexandre de Moraes de "canalha". Além disso, diante de apoiadores, já chamou o ministro Luís Roberto Barroso de "filho da puta". Após ter dito no JN que nunca xingou algum ministro do Supremo, o apresentador do programa, William Bonner, recordou do episódio em que chamou Moraes de "canalha".



O presidente Jair Bolsonaro (PL) durante entrevista ao Jornal Nacional. Reprodução

Bolsonaro, então, admitiu que atacou o magistrado, mas disse que o entrevistado teria sido apenas com ele — e omitiu o xingamento a Barroso. Bolsonaro também mentiu sobre as ações do governo na pandemia, ao negar ter barrado a compra de vacinas. O mandatário começou a entrevista mais calmo, dando respostas em um tom sereno. No decorrer do programa, porém, ficou mais irritado, principalmente após ser questionado se tinha algum arrependimento por ter imitado pessoas sem ar ao comentar os problemas da Covid-19. Ele, porém, disse que foi solidário às vítimas da pandemia. "A solidariedade eu manifestei conversando com o povo nas ruas, visitando as periferias de Brasília, vendo pessoas humildes que foram obrigadas a ficar em casa sem ter um só apoio de governador ou prefeito", disse. Bolsonaro também voltou a levantar dúvidas sobre a segurança das urnas eletrônicas, citando informações que já foram rebatidas pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e pela própria PE. O delegado Victor Neves Feitosa Campos, responsável pelo inquérito sobre o ataque

hacker ao sistema do TSE que o presidente costuma citar, disse em depoimento a cor poração que não encontrou indícios de que a ação pudesse ter resultado em manipulação de votos, fraude ou problemas na integridade das urnas. O presidente foi cobrado de assumir um compromisso de que respeitaria o resultado das eleições. No entanto, colocou uma condicionante de que faria isso se considerasse que as eleições foram "limpas" — o que ele nega ocorrer, já que segue colocando em dúvida o sistema eleitoral do país. "Serão respeitados os resultados das urnas desde que as eleições sejam limpas", disse. Em outro momento, Bolsonaro foi questionado sobre as ações antidemocráticas de seus apoiadores, como a recorrente defesa da ditadura militar em manifestações. Respondeu que se trata de "liberdade de expressão". "Quando alguns falam em fechar o Congresso, é liberdade de expressão deles. Eu não levo para esse lado." Bolsonaro tem feito seguidos ataques ao sistema eleitoral e aos ministros do STF para acusar uma suposta fraude

de caso não vença as eleições. A retórica golpista do presidente incluiu ainda o flete com as Forças Armadas, que participam de uma comissão de transparência eleitoral e, na prática, têm sido uma das linhas de frente do questionamento do presidente às urnas. O ataque mais grave às urnas ocorreu em 18 de julho, quando ele chamou embaixadores estrangeiros para expor suas mentiras acerca das urnas e do processo eleitoral, repetindo argumentos já des-

cartados após sua exposição em uma live no ano passado. A reação veio no último dia 11, em ato com milhares de pessoas para a leitura de duas cartas de apoio à democracia na Faculdade de Direito da USP. A primeira foi endossada por entidades como a Fiesp e centrais sindicais. Já a segunda, inspirada na Carta aos Brasileiros de 1977, ultrapassou 1 milhão de assinaturas. No JN, Bolsonaro afirmou que não retardou a compra de vacinas e repetiu as alegações de que a Pfizer pretendia impor condições impraticáveis para fornecer os imunizantes. A CPI da Covid, no entanto, apontou que as propostas da farmacêutica americana ficaram meses sem resposta. O presidente também se negou a afirmar que a aliança com o centrão foi contraditória em relação à campanha de 2018, quando costumava criticar o grupo político. Bolsonaro aproveitou a oportunidade para elogiar seus ministros, mas deixou de fora da lista expoentes desse bloco que estão na Esplanada, como o chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, e o chefe das Comunicações, Fábio Faria.

Ao ser questionado sobre desmatamentos, o presidente respondeu que há 50 milhões de brasileiros vivendo na região e que isso deve ser foco de preocupação do governo. Na sequência, Bolsonaro ainda criticou o Ibama por destruir o patrimônio das pessoas que devastam as florestas. "A destruição [dos equipamentos], como está em lei, é se você não puder tirar o equipamento daquele local. O que vinha acontecendo e ainda vem, infelizmente, é que o material pode ser retirado do local, porque se chegou lá pode ser retirado e há o abuso de uma parte...". afirmou o presidente, sendo questionado de quem partiria o abuso. "Por parte do Ibama", acrescentou.

Ao final da entrevista ao JN, o presidente transmitiu em suas redes uma live, a partir do carro onde estava. Nela, voltou a chamar apoiadores para os atos do 7 de Setembro. Lembrou que haverá desfile militar, pela manhã, em Brasília, e que a tarde estará no Rio de Janeiro, com apresentações das Forças Armadas. Também serão sabatinados pelo JN Ciro Gomes (dia 23), Luiz Inácio Lula da Silva (25) e Simone Tebet (26).

**Presidente repete 2018 e leva 'cola' na mão para entrevista ao JN** Bolsonaro repetiu a estratégia usada em debates de 2018 e foi à entrevista com anotações na mão. Desta vez, era possível ler em sua mão esquerda as palavras: Nicarágua, Argentina, Colômbia, Dario Messer. As críticas do mandatário aos três países, que são comandados por governantes de esquerda, são recorrentes. Em relação a Messer, que ele não mencionou na entrevista, a anotação ocorreu porque o doleiro já disse, em delação premiada, que realizou repasses de dólares em espécie à família Marinho, dona do Grupo Globo. Em nota emitida na época, os proprietários da emissora negaram as acusações de Messer e ressaltaram que o doleiro não apresentou provas.

Entrevista morna acaba em empate razoável ao presidente

ANÁLISE

Igor Gielow

**SÃO PAULO** Jair Bolsonaro (PL) sobreviveu sem grandes arranhões à morna entrevista que concedeu ao Jornal Nacional, abrindo o antecipado ciclo de conversas dos principais candidatos à Presidência deste ano ao principal telejornal da TV aberta brasileira. Há uma regra não escrita para eventos jornalísticos do gênero: se o candidato não cometer nenhum erro grosseiro, o empate está dado, e o a no campo adversário sempre pode ser lido como um bom resultado. Foi isso que aconteceu nesta noite de segunda (22). Poderia ter dado bem errado para o presidente. Assim que o tom professoral de William Bonner foi substituído pela assertividade de Renata Vasconcelos, Bolsonaro ameaçou sair do prumo. Pior, contra uma mulher, o que só regretaria ainda mais sua por ora encadada tentativa de melhorar as intenções de voto nesse eleitorado.

Bolsonaro ameaçou, mas não repetiu o estratagem da entrevista que concedeu em 2018. Ali, muito mais nervoso, foi para cima dos jornalistas e lembrou o apoio do patrono da casa, Roberto Marinho, à ditadura de 1964. Desta vez, a sua famosa cola escrita com caneta na mão foi exibida várias vezes: ela citava Dario Messer, o "doleiro dos doleiros", que disse sem provas fazer serviços para a família dona da Globo.

Houve momentos aborrecidos, como o quase incompreensível debate acerca de questões ambientais. Cabreria mais clareza de lado a lado, mas aí a vantagem é de quem enrola. Questões econômicas foram tratadas com uma ligeireza desproporcional à sua importância — a pandemia, muito mais explorada, está hoje no retrovisor político do país, ao contrário da carestia.

No mais, Bolsonaro foi Bolsonaro, evitando ajoelhar no altar da democracia ao renovar os ataques às urnas eletrônicas que embasam sua campanha golpista, voltando a falar barbaridades sanitárias acerca do manejo da pandemia, praguejando contra lockdown inexistente e defendendo os médicos da cloroquina e do falacioso tratamento precoce da Covid-19. Deu algumas boas respostas treinadas, como sobre a necessidade de ter o centrão a seu lado, ainda que isso custe toda a persona antipolítica vendida a quem a comprou em 2018. Seu adversário principal, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), não faria nada diferente sobre o tema.

Para quem não vota em Bolsonaro, nenhuma novidade em termos de repulsa. Para quem vota, o reforço positivo de suas convicções. O problema para o presidente é que ele está em segundo lugar na corrida das eleições de outubro. Se sua equipe esbanjava otimismo em furar a bolha bolsonarista para falar aos outros eleitores, terá sido bastante frustrada.

Pontos vendáveis para o horário eleitoral gratuito que começa no dia 26, como a implantação do Pix, acabaram virando nota de rodapé, como o embate em si da noite parece tender a ser na campanha.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Política **Caderno:** A **Página:** 6